

SE A RÚSSIA VENCER

«Arrepiante.»
FINANCIAL TIMES



Um cenário

CARLO MASALA



ÍNDICE

<i>Introdução</i>	9
Narva, Estónia: 27 de março de 2028	13
Palais des Nations, Genebra: Três anos antes	17
Europa e Estados Unidos: Um vento de mudança	21
Rússia: Um degelo em Moscovo?	23
Ucrânia: Após Genebra — um país mergulhado no caos	27
Bruxelas: Capacidades de defesa limitadas	31
Moscovo: Estratégia	37
Kidal, Mali: 2 de fevereiro de 2028 — Os dados estão lançados	43
Bruxelas: 5 de fevereiro de 2028 — A Europa morde o isco	49
Mar do Sul da China: 28 de fevereiro de 2028 — Ajuda de um aliado	51
Seattle: 27 de março de 2028, 01:00 UTC	55
Berlim: 27 de março de 2028, 02:20 UTC	61
Berlim: 27 de março de 2028, 06:30 UTC	65
Moscovo: 27 de março de 2028, 07:00 UTC	71
Sede da NATO, Bruxelas: 27 de março de 2028, 12:00 UTC	79
Casa Branca, Washington, DC: 27 de março de 2028, 12:15 UTC	85

80° 49' 35,2" N, 66° 27' 12,5" O: 28 de março de 2028, 10:27 UTC	91
Sede da NATO, Bruxelas: 28 de março de 2028, 14:00 UTC	93
Rzhev, Rússia: 29 de março 2028, 07:00 UTC	101
Moscovo e Pequim: 30 de março de 2028 — Um novo centro ...	107
<i>Epílogo</i>	109

INTRODUÇÃO

A heroína está sob pressão. O vilão imobiliza-a, apertando-lhe o pescoço, a arma dela está fora do alcance, e o avião carregado de explosivos dirige-se em linha reta para a Casa Branca. O público sustém a respiração. A situação parece ser desesperada. Mas, de repente, tudo muda! Ela liberta-se do aperto a que estava sujeita, pega na arma, faz o avião subir — e, depois do susto, chega o final feliz.

Estamos habituados a pensar que tudo acabará bem. É assim em todos os filmes de Hollywood. Foi assim em 1945 e em 1989. Não de imediato — isso seria aborrecido —, mas, no fim, tudo se resolve. É certo que a nossa democracia, a Ucrânia e o Ocidente estão sob pressão. Os populistas ganham as eleições, as tropas russas avançam, Donald Trump está na presidência dos Estados Unidos. Mas, no final, não será assim tão mau. A Rússia não nos atacará, a nossa democracia sobreviverá, o Ocidente permanecerá forte.

E se as coisas, porém, não correrem desta forma? E se a Rússia vencer?

Para entendermos o que está em jogo e o alcance de cada decisão, importa sabermos o que pode acontecer. É essa a força do pensamento baseado em cenários. Na ciência, mas também no planeamento político e militar, a estratégia assente em cenários é um método que procura simular desenvolvimentos futuros com base em tendências e acontecimentos presentes. O objetivo

é identificar as condições e os fatores que poderão determinar esses desenvolvimentos e, a partir daí, fazer uma extrapolação criativa do presente.

Os cenários alargam o campo das possibilidades na nossa mente. Servem para contrariar a complacência intelectual e o horizonte político de curto prazo. O que está em causa na Ucrânia — e na atualidade — só se torna verdadeiramente claro quando pensamos no que poderia acontecer se as coisas não corressesem bem.

É possível que a Rússia vença na Ucrânia. Talvez até já a tenha vencido quando este livro for publicado — quem o poderá afirmar com certeza? Mesmo assim, creio que, se a Rússia conseguir manter o território que conquistou, já se poderá falar em vitória. Por ora, haverá quem não se importe com a Ucrânia. E muitos pensarão: «Se a guerra acabar de vez, já será bom. Assim, tudo voltará ao normal. Basta darmos à Rússia o que ela pretende, e haverá paz.» Mas será mesmo assim? Será que tudo se resume à Ucrânia? E se isto for apenas o começo? E se estiverem em causa a segurança europeia e toda a nossa ordem mundial liberal, e nós, mais uma vez, com a cabeça enfiada na areia? O cenário que apresento neste livro explora de que modo tudo isto se poderá desenrolar.

O futuro está sempre em aberto. Ninguém sabe o que ele nos reserva, e ninguém consegue prever todos os fatores e as interações que o irão determinar. Um cenário é, por conseguinte, apenas uma entre as muitas vias possíveis de evolução dos acontecimentos. É importante ter isto presente ao ler esta obra. Não tenho como objetivo profetizar. O que pretendo é incentivar a reflexão, o debate e um pensamento mais aprofundado. Gostaria também de sublinhar o seguinte: ensaiamos cenários como este para evitar que se concretizem na vida real.

O meu cenário baseia-se em dados, investigação académica e nas discussões que mantive ao longo dos últimos dois anos com muitos colegas — bem como com especialistas do governo e das forças armadas, cuja função é considerar as implicações de uma vitória russa na Ucrânia para a formulação de políticas de segurança. Integrei ainda contributos provenientes de exercícios de simulação nos quais pude participar, quer de forma ativa, quer como observador. Contudo, este cenário, na forma em que aqui é apresentado, foi desenvolvido exclusivamente por mim. Nos círculos de política de segurança e defesa já foram elaborados e discutidos outros cenários, entre os quais se contam operações militares abrangentes contra um Estado-Membro da NATO. O meu cenário não é apresentado num formato académico ou científico, embora tenha sido desenvolvido de acordo com normas académicas. Para além de um relato puramente descritivo dos acontecimentos, incluí diálogos imaginados, dando aos leitores a sensação de acompanharem a ação de muito perto. Por fim, este cenário encontra-se fortemente condensado. Na realidade, a forma como os acontecimentos se desenrolariam seria muito mais complexa. Teria lugar um sem-número de discussões e reuniões a nível operacional, e haveria certamente centenas de chamadas telefónicas e de videoconferências entre as partes envolvidas. Para facilitar a leitura, omiti grande parte destes pormenores e concentrei-me nos acontecimentos principais.

Durante a elaboração deste livro, tive a oportunidade de conversar com muitas pessoas, às quais fico imensamente grato. Quero, em particular, agradecer a Sebastian Ullrich, da minha editora alemã C. H. Beck, que apoiou a criação deste livro desde o início com a sua habitual calma e profissionalismo, orientando

o processo até à sua conclusão como parceiro intelectual de debate e brilhante responsável editorial. Não posso deixar de referir igualmente o meu colega Martin Schulze Wessel, a quem agradeço a analogia sobre a remilitarização da Renânia.

Carlo Masala, agosto de 2025

Narva, Estónia

27 de março de 2028

A cidade desperta ao som das explosões nas primeiras horas da manhã. Duas brigadas russas invadem Narva pelo norte e pelo leste. Os atacantes, mascarados, dominam rapidamente as tropas fronteiriças estónias. Já na cidade de Narva, os soldados russos também quase não encontram resistência e a pouca que surge é prontamente aniquilada. Contam ainda com apoio de parte da população civil local, que nas semanas e meses anteriores foi provida de armas ligeiras e metralhadoras. Situada na fronteira com a Rússia, trata-se da terceira maior cidade da Estónia, com uma população de 57 000 habitantes. É conquistada em poucas horas. Ao nascer do Sol, a bandeira russa já tremula na torre do histórico edifício da Câmara Municipal. Nas redes sociais circulam vídeos que mostram o hastear da bandeira quase em tempo real, acompanhados da *hashtag* #DayOfReturn (DiadoRegresso).

A invasão russa apanha todos de surpresa. É certo que a população russófona de Narva já se manifestava há semanas, alegando que a impediam de usar a sua língua na esfera pública e de preservar a sua cultura. Incitados pela desinformação disseminada nas redes sociais, muitos temem que o Governo em Tallinn os transforme em cidadãos de segunda categoria e lhes retire o direito de voto. Segundo informações que circulam

no Facebook e no Telegram, tal dever-se-ia ao facto de serem considerados um risco para a segurança, pela sua proximidade e ligações à Rússia. Houve também vários confrontos entre estes «russos» e a Polícia estónia. Mas nada disso era novo, e o Governo estónio partia do princípio de que a situação acabaria — como era habitual — por ser dominada. A concentração de pequenas unidades russas junto à fronteira foi registada, mas não tida como uma ameaça séria. Afinal, havia tropas da NATO no país: 1700 militares integrados na eFP, ou Enhanced Forward Presence [Presença Avançada Reforçada], e 600 soldados norte-americanos de infantaria em Võru. Os responsáveis políticos mantinham-se invariavelmente tranquilos, convencidos de que tal bastaria para garantir a força de dissuasão.

Nos dias que antecederam o ataque, tanto a atenção da Estónia como a da NATO estavam concentradas na parte sul da fronteira entre a Estónia e a Rússia, onde uma divisão do Exército russo ensaiava várias manobras no âmbito dos exercícios da Operação Pátria. E, desta forma, o ataque-surpresa tem êxito. Uma resposta por parte das tropas da NATO, lideradas pelo Reino Unido e estacionadas a cerca de 145 quilómetros de Narva, estava fora de questão num espaço de tempo tão curto.

O ataque a Narva não é a única operação do Exército russo nessa noite. Há vários dias que soldados russos disfarçados de turistas apanhavam *ferries* com destino à ilha de Hiiumaa, ao largo da costa da Estónia. Entram agora em ação. Contam com o apoio de dois navios de guerra anfíbios da Frota do Báltico russa, que mudaram inesperadamente de rumo durante a travessia entre São Petersburgo e as águas internacionais do mar Báltico, aproximando-se de Hiiumaa — a segunda maior ilha da Estónia, embora pouco povoada — a partir do norte.

Ainda reina a escuridão quando lançam os botes de desembarque à água, e cerca de 400 fuzileiros navais russos alcançam a costa de Hiiumaa para apoiar as tropas já presentes na ilha. Também aqui a resistência colapsa rapidamente. Ao amanhecer, a bandeira russa agita-se sobre a cidade de Kärkla, em Hiiumaa, uma localidade com cerca de 4000 habitantes.

Em apenas uma noite, a Rússia apoderou-se de duas cidades estónias e apanhou toda a NATO de surpresa. Ambas as operações, do ponto de vista russo, fazem sentido em termos estratégicos. Com a conquista de Narva, tomaram o controlo de uma cidade cuja população é 88 por cento russófona; Hiiumaa oferece à Marinha russa a capacidade de ameaçar — e, se necessário, pôr em prática — um bloqueio naval dos Estados Bálticos entre os portos russos de São Petersburgo, a norte, e Kaliningrado, a sul.

Há ainda outro acontecimento digno de registo nesta noite: o presidente da Bielorrússia, Lukashenko, anuncia que, nos dias seguintes, enviará várias brigadas das forças armadas do seu país para Astravyets, uma pequena localidade fronteiriça situada a apenas 50 quilómetros de Vilnius, para exercícios militares.

Começou o ataque aos Estados Bálticos.

Palais des Nations, Genebra

Três anos antes

O ambiente é gélido quando as delegações da Ucrânia e da Federação Russa se reúnem em Genebra, no Palais des Nations (Palácio das Nações). Cada delegação conta com cinco representantes, que há várias semanas se dedicam à redação do texto do tratado, com a mediação dos Estados Unidos e da China. Estes homens e mulheres estão em guerra desde 2022, e isso nota-se claramente no seu semblante e na postura. Envelheceram todos, embora alguns deles mal tenham entrado na casa dos trinta. Os ucranianos sabem o que têm de fazer: o que os Estados Unidos e a China, mas também a Rússia, esperam deles. Vieram a Genebra para assinar a sua capitulação. Não é uma capitulação formal, mas a cedência de mais de 20 por cento do território ucraniano — terras pelas quais combateram durante anos, daí resultando perdas consideráveis. Agora, porém, já não dispõem nem de homens nem de material, nem tão-pouco do apoio do Ocidente, para continuar a lutar.

Na véspera, o presidente Zelensky reuniu-se pela última vez com os seus parceiros ocidentais. Chamou a atenção para as consequências catastróficas que uma vitória russa teria para a segurança europeia e pediu um aumento substancial da ajuda, a fim de poder continuar a combater. Mas o ambiente mudara. Já há demasiado tempo que não se registava nenhum

progresso, argumentava o presidente dos Estados Unidos. Que batalhas ganhou a Ucrânia? Que territórios recuperou recentemente? Já não consegue justificar perante o povo norte-americano o montante gasto em apoio militar à Ucrânia. Se comprasse a Gronelândia por esse valor, o rácio entre território e dólares investidos seria bem mais vantajoso:

— Maus negócios não é comigo...

O primeiro-ministro britânico tentou intervir:

— Senhor presidente, a Europa... — Mas não chegou a concluir.

— A Europa tem de pagar pela sua própria segurança — veio a resposta. Com as perdas humanas e materiais que já sofreu, a Rússia poderá ser facilmente dissuadida no futuro. Chegou o momento de pôr fim a esta guerra. — Se o senhor Zelensky quiser continuar a combater, é livre de o fazer. Mas às suas próprias custas.

Instalou-se um silêncio embaraçoso na sala. «Zelensky tem de perceber que não há volta a dar», escreveu na manhã seguinte um jornal britânico, citando o presidente francês.

A União Europeia não conseguiu aumentar a produção do equipamento militar necessário à defesa da Ucrânia a um nível que permitisse garantir um fornecimento constante. Por isso, não consegue compensar a perda do apoio dos Estados Unidos. É certo que quase todos os principais políticos europeus, incluindo a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, têm repetido vezes sem conta, nos últimos meses, que, se os Estados Unidos se retirassem, seria a vez de a Europa se chegar à frente. Mas, quando esse momento chega, percebe-se que tudo não passou de conversa fiada, tal como tem sucedido nos últimos anos, desde a ofensiva russa em larga escala.

A situação económica na maior parte dos países europeus é tão delicada, que os governos se mostram relutantes em aumentar o apoio financeiro à Ucrânia. Além disso, o receio de se verem obrigados a acolher ainda mais refugiados ucranianos está a alterar o ambiente político e social em muitos países. Os políticos preocupam-se com um novo aumento do apoio eleitoral a partidos populistas de extrema-direita e de extrema-esquerda, que conseguem mobilizar o eleitorado descredibilizando o apoio à Ucrânia. Tudo isto deixa o presidente ucraniano sem outra opção a não ser iniciar negociações de cessar-fogo com a Rússia.

Os resultados dessas conversações são apresentados ao público internacional como a Paz de Genebra, mas, na realidade, trata-se da Capitulação de Genebra. A Ucrânia não só tem de ceder mais de 20 por cento do seu território, como se vê obrigada a incluir uma cláusula de neutralidade permanente na sua Constituição, que a impede de aderir à NATO. Como forma de compensação, é acordado um programa de reconstrução financiado pelo Banco Mundial, não apenas para as regiões sob domínio do Governo ucraniano, mas também para os territórios ocupados pela Rússia.

Para monitorizar o cessar-fogo, as Nações Unidas irão criar uma força de manutenção de paz composta por tropas da China, de países europeus e de vários outros Estados. Terão como missão comunicar ao Conselho de Segurança das Nações Unidas todas as violações do acordo de cessar-fogo por qualquer uma das partes. Contudo, o seu mandato não prevê uma capacidade militar credível de dissuasão, que possa impedir eventuais novos ataques por parte da Rússia.

Desta forma, o maior conflito armado na Europa desde a Segunda Guerra Mundial termina com a derrota da Ucrânia.

Enquanto os políticos ocidentais sublinham vezes sem conta que os territórios anexados pela Rússia nunca serão reconhecidos como russos ao abrigo do direito internacional e que o acordo é temporário («Esperamos firmemente negociar com a Rússia, num futuro não muito distante, o regresso destes territórios, e, como é óbvio, o restante território da Ucrânia continuará a beneficiar de total apoio económico, político e militar do Ocidente!»), os meios de comunicação russos celebram o acordo por significar uma vitória russa. Os programas de debate televisivo russos tratam, como sempre, de acertar contas com o Ocidente. Diversos apresentadores descrevem o fracasso da NATO em apoiar a Ucrânia como o mero início do renascimento da força e grandeza da Rússia na política internacional. Argumentam que ninguém deve acreditar que a Rússia se contentará apenas com as conquistas já alcançadas. O projeto do Mundo Russo, destinado a trazer todas as regiões russófonas de volta à esfera de influência russa, está longe de se encontrar concluído. Os Estados Bálticos, a República da Moldávia e a Geórgia continuam todos eles sob o olhar estratégico da Rússia.

Quanto ao Ocidente, são muito poucas as vozes que descrevem a derrota da Ucrânia como uma ameaça grave à ordem de segurança europeia. O estado de espírito é outro. Há quem o manifeste sem rodeios, e quem o disfarce, mas percebe-se em todo o lado o alívio de ver esta guerra terminada.

Europa e Estados Unidos

Um vento de mudança

Logo após a assinatura da capitulação da Ucrânia, surge uma vaga de críticas dirigidas àqueles que, durante a guerra com a Rússia, defenderam de forma veemente o apoio militar e político a Kyiv. O argumento, repetido sobretudo por partidos populistas, tanto à direita como à esquerda, encontra a sua melhor síntese nas palavras do futuro presidente francês, oriundo do partido *Rassemblement National* (antiga *Front National*). Durante a campanha, afirmou: «Os países beligerantes, além de terem na prática arruinado as suas próprias economias, também prolongaram desnecessariamente esta guerra, cujo desfecho poderia ter sido alcançado há um ano e meio, privando milhares — se não centenas de milhares — de ucranianos da possibilidade de hoje continuarem vivos.»

Este registo passa a dominar o discurso público na Europa e nos Estados Unidos, dando novo alento aos partidos populistas da União Europeia, que, desde o início da guerra de agressão, se alinharam com a Rússia. Estes partidos registam avanços nas eleições regionais e nacionais por toda a Europa. A par de França, o governo de direita de Itália também começa a reorientar a sua política externa e de segurança. Embora a Itália tenha sido uma das apoiantes da Ucrânia durante a guerra — ainda que mais no plano político do que no económico ou militar —,

após a capitulação ucraniana ouvem-se cada vez mais vozes a defender que, no mínimo, se considere a hipótese de reatar relações com a Rússia.

As prioridades da política externa também estão a mudar nos Estados Unidos. Com o fim da guerra da Rússia contra a Ucrânia — pelo menos da sua fase mais intensa —, cresce, entre republicanos e democratas, a ideia de que cabe aos europeus assumir a ordem pós-guerra no continente, enquanto os Estados Unidos deveriam concentrar-se na região do Indo-Pacífico. Não demora, portanto, a formar-se um consenso bipartidário em prol da redução do contingente militar dos Estados Unidos na Europa e da sua redistribuição pelo território asiático.

Rússia

Um degelo em Moscovo?

Vladimir Putin anuncia a sua demissão, surpreendendo o mundo inteiro — sobretudo o correspondente da emissora pública alemã ARD, que apenas dois dias antes o descrevera como um «presidente eterno» («O seu poder é mais firme do que nunca»). Num discurso televisivo, Putin declara a vitória da Rússia sobre a Ucrânia como «um importante marco histórico no caminho de regresso da Rússia ao estatuto de grande potência». A Rússia, diz ele, mostrou ao mundo que «nem mesmo a maior e mais agressiva aliança militar do mundo, a NATO, é capaz de derrotar a eterna Rússia e de a obrigar a ajoelhar-se». Agora, acrescenta, chegou o momento de entregar a outra pessoa a tarefa de concluir a «missão histórica da Rússia». Embora não vá retirar-se em definitivo para se dedicar à caça e à pesca, passará a desempenhar um papel mais discreto, como presidente da Fundação Nova Rússia.

Putin nomeia como seu sucessor Oleg Obmashchikov, um economista de quarenta e sete anos. Acrescenta que a Duma, como é óbvio, terá ainda de aprovar a nomeação, mas não prevê nenhum problema, pois já informou os líderes dos principais partidos representados.

A imprensa internacional lança-se de imediato numa forte especulação sobre os motivos que terão levado Putin a tomar

tal decisão. Terá sido obrigado a demitir-se pelo seu círculo mais próximo devido às desastrosas perdas humanas e económicas sofridas pela Rússia durante a guerra? Estará tão doente que, por precaução, decidiu passar as rédeas a outro? Ou tratar-se-á de mais um golpe de teatro do astuto homem do KGB? Estará a tentar apresentar, aos observadores estrangeiros e à sua própria população, um jovem dirigente ansioso por reformar o país, enquanto ele próprio e o FSB — o serviço de segurança interna — continuam a mexer os cordelinhos nos bastidores, como sempre?

Esta última teoria é reforçada pelo facto de a maioria das sanções impostas pela União Europeia e pelos Estados Unidos permanecer em vigor, apesar do Tratado de Genebra. Talvez um «rosto novo» dê azo ao levantamento das sanções a curto prazo. No entanto, tudo isto não passa, em última análise, de uma conjectura. Tal como no passado, a imprensa não tem acesso ao círculo restrito do Kremlin e limita-se a tentar adivinhar, às cegas, o que move Putin.

Sabe-se apenas que Obmanshchikov provém do setor financeiro russo, que, na juventude, estudou durante algum tempo no Reino Unido e que, mais tarde, trabalhou para a empresa de auditoria Ernst & Young, no Dubai. À primeira vista, é o oposto absoluto de Putin ou de Sergey Lavrov: jovem, carismático e cosmopolita.

Na sua primeira intervenção oficial perante a nação na Duma russa — que, naturalmente, também se dirige a um público internacional —, Obmanshchikov defende a anexação das regiões ucranianas de Donetsk, Luhansk, Zaporizhzhia e Kherson, bem como da Crimeia, descrevendo-as como parte do coração da Rússia. Mas indicia estar disposto a dialogar com

a Ucrânia sobre a normalização das relações. Não esclarece o que quer dizer com isso, mas utiliza a mesma fórmula memorável que Willy Brandt empregou no seu discurso inaugural como chanceler federal, em 1969, quando descreveu a República Federal da Alemanha (RFA) e a República Democrática Alemã (RDA) como «dois estados, uma nação».

O uso desta expressão provoca bastante agitação na Alemanha. É recebido com particular entusiasmo pelos membros do Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD, Sozialdemokratische Partei Deutschlands). A facção que considerava o apoio do antigo chanceler Olaf Scholz à Ucrânia durante a guerra de agressão russa como um erro estratégico ganha agora ascendência dentro do partido, bem como no grupo parlamentar. É como se regressassem os anos 80, quando um tal Mikhail Gorbachev se tornou secretário-geral do Partido Comunista e respondeu plenamente às expectativas nele depositadas como reformador do comunismo soviético. «Por que razão não poderia acontecer o mesmo com Obmanshchikov?», perguntam-se muitos no interior do SPD e fora dele.

Os planos para ressuscitar acordos de limitação de armamento — uma surpresa que o novo presidente da Rússia revela ao mundo nos primeiros meses do seu mandato — são devidamente assinalados. Como é natural, surge ceticismo e desconfiança. Será possível levar Obmanshchikov à letra ou trata-se apenas de uma marioneta dos serviços secretos ou das forças armadas? Ninguém, nem mesmo os diversos serviços de informação dos países europeus e dos Estados Unidos, tem resposta para estas perguntas, e é difícil conseguir avaliar Obmanshchikov frente a frente — ao nível de chefes de estado e de governo —, considerando o isolamento internacional da Rússia.

Ainda assim, todos olham ansiosamente para Moscovo, na esperança de um degelo após esta sombria era glacial. Parece que muitos no Ocidente estão desesperados por evitar uma nova Guerra Fria, atendendo aos enormes recursos que consumiria.

São enviados emissários a Moscovo, discretamente, numa tentativa de conhecer melhor o novo homem do Kremlin. Os comunicados dos diplomatas que se encontraram com Obmanshchikov e com o seu círculo restrito coincidem, mais ou menos, num ponto: é certo que «não se pode afirmar com segurança» quem está a dar cobertura a Obmanshchikov, mas trata-se de um «reformador inteligente e carismático, cujo desejo de mudança se torna evidente ao conhecê-lo pessoalmente».

Esta impressão é reforçada pelas múltiplas entrevistas que Obmanshchikov concede aos meios de comunicação internacionais. Há a grande expectativa de que Moscovo esteja nas mãos de um novo Gorbachev e que este tenha como objetivo tirar a Rússia das trevas do seu passado e conduzi-la a um novo futuro, porventura democrático.

Ucrânia

Após Genebra — um país mergulhado no caos

De quando em quando, passam para o mundo mensagens de ativistas de direitos humanos na região do Donbas a dar conta de uma realidade diferente. Mal cessa a intensa luta, iniciam-se enormes movimentos de refugiados com origem nos territórios ocupados. Fontes não confirmadas apontam para números que chegam a 1,5 milhões de pessoas. E o novo presidente da Rússia prossegue, sem interrupção, com a política de russificação. Estão a ser instalados cidadãos russos nos territórios que antes eram ucranianos, enquanto ucranianos que não reconhecem a autoridade russa são enviados para campos de «reeducação». Prossegue também a vaga de adoções: as crianças ucranianas continuam a poder ser adotadas por casais russos, independentemente de terem pais biológicos vivos na Ucrânia.

Ainda assim, estas contínuas atrocidades recebem pouca atenção do público internacional. Ninguém se mostra deveras preocupado, tirando alguns grupos muito ativos fundados pela diáspora ucraniana na Europa. O sentimento predominante é de alívio pelo fim da «Grande Guerra», como a designam os ucranianos. O anseio por dias melhores e a esperança de um futuro mais risonho mostram-se irresistíveis.

De facto, falar em *fim* da «Grande Guerra» não reflete por inteiro a realidade, dada a existência de repetidos confrontos fronteiriços entre os territórios ocupados pela Rússia e a «Ucrânia livre», envolvendo forças armadas de ambos os países. Estas refregas tendem a prolongar-se por vários dias e custam vidas nos dois lados da barricada. A missão de monitorização das Nações Unidas toma nota e apresenta um relatório à sede da ONU, em Nova Iorque, mas a intervenção internacional fica-se por aí.

Na fase final da guerra, antes da capitulação da Ucrânia, o Exército ucraniano e os serviços de segurança introduziram ou formaram clandestinamente uma espécie de exército partidário nos territórios ocupados. Foram montados vastos arsenais de armas para as suas operações. Este Exército Livre Ucraniano, como se autodenomina, realiza ataques regulares a esquadras de polícia e mata funcionários russos que trabalham na administração dos territórios ocupados, recorrendo a carros-bomba ou a outros meios. Após cada ataque bem-sucedido, a Polícia, o Exército e vários serviços de segurança russos que operam nos territórios ocupados retaliam com uma repressão acrescida sobre a população civil ucraniana que ali permanece.

A situação no resto da Ucrânia é, naturalmente, mais calma. Embora já não haja ataques de *drones* russos, mísseis de cruzeiro, bombas planadoras ou mísseis balísticos, isso não se traduz, necessariamente, em melhorias visíveis. Vastas zonas do país assemelham-se a um monte de escombros. Inúmeras aldeias e cidades foram reduzidas a cinzas durante a guerra. A infraestrutura energética encontra-se severamente degradada; muitas vezes não há eletricidade nem água corrente. O Estado ucraniano está praticamente falido, o dinheiro disponibilizado por organizações

internacionais e doado para a reconstrução do país está longe de ser suficiente para executar sequer os projetos de infraestrutura mais essenciais, e o desemprego continua a grassar. Devido à catastrófica situação económica, não só regressam muito poucos dos que fugiram durante a guerra, como há também novas vagas de jovens ucranianos qualificados a emigrar para a União Europeia.

Ao mesmo tempo, voltam a emergir antigos conflitos na Ucrânia. Por um lado, os oligarcas e os militares opõem-se ao Governo; por outro, o presidente entra em confronto com o autarca de Kyiv, entre muitas outras disputas. Todos esses conflitos que ficaram em suspenso durante a guerra estão agora a reaparecer. É tempo de ajustar contas antigas.

A sociedade civil ucraniana vive em permanente tensão. Veteranos e pessoas com deficiência, que dependem do sistema público de assistência, reclamam quase todos os dias melhores apoios financeiros e cuidados médicos. De igual forma, os sindicatos e outros grupos de interesse organizam manifestações regulares, reivindicando os seus direitos de forma ruidosa e, por vezes, violenta.

A situação social, política e económica do país, marcada por uma tensão extrema, facilita a tarefa dos serviços secretos russos, que recrutam informadores encarregados de lhes transmitir regularmente informações provenientes de diversos ministérios e das forças armadas. O dinheiro que as autoridades russas oferecem leva alguns ucranianos a esquecer que estão a colaborar — ou melhor, a trabalhar — para o mesmo Estado que, há poucos meses, os tentou aniquilar. E quem os pode censurar, perante o estado catastrófico em que o país se encontra?

A situação económica desesperada na Ucrânia, bem como os conflitos sociais e políticos cada vez mais intensos, conduzem

a um inesperado ressurgimento de forças políticas orientadas para leste — ou seja, que encaram Moscovo como a única esperança de recuperação económica. Com apoio financeiro e organizativo ativo de oligarcas pró-russos e dos serviços secretos russos, a par de uma vasta campanha de desinformação, estas forças políticas pró-russas acabam por conseguir a maioria nas eleições parlamentares ucranianas. O presidente Zelensky, que detém amplos poderes constitucionais, tenta impedir esta mudança de rumo e dissolver o Parlamento. Não consegue, porém, os seus intentos, pois tal medida é rejeitada pela comunidade internacional, que teme que a Ucrânia possa tornar-se uma ditadura presidencial, assim como por vastos setores da população ucraniana. Os primeiros-ministros que Zelensky nomeia também não duram muito, porque não têm maioria na Rada e são muitas vezes afastados pela maioria parlamentar pró-russa, por meio de sucessivas moções de censura. Para evitar que o país se torne ingovernável, Zelensky recorre por fim à convocação de eleições presidenciais antecipadas, que acaba por perder. O «acordo de paz» mergulhou a Ucrânia no caos.

HABITUÁMO-NOS A QUE TUDO ACABE SEMPRE EM BEM. MAS E SE, DESTA VEZ, NÃO FOR BEM ASSIM?

Março de 2028: tropas russas invadem a pequena cidade estónia de Narva e a ilha de Hiiumaa, no mar Báltico. O ataque aos Estados Bálticos começou.

A decisão de não se rearmar após o fim da guerra na Ucrânia deixa, agora, a Europa exposta e numa posição extremamente delicada. Como pode a NATO reagir? É legítimo invocar o Artigo 5º do Tratado do Atlântico Norte? Arriscará a Aliança uma guerra nuclear?

Neste livro, através de um cenário fictício, mas provável, o cientista político e especialista militar Carlo Masala demonstra, de forma particularmente dramática, o que está em jogo hoje na Europa.

Uma análise fascinante e assente numa aturada investigação da situação atual que nos coloca frente a frente com um futuro alternativo onde Putin venceu a guerra na Ucrânia.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-606-6



9 789895 896066